



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

PINGA-FOGO

■ **INVENTÁRIO** - O prédio de R\$ 3,5 milhões comprado pelo prefeito de Petrópolis, Rubens Bomtempo, com dinheiro da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro após a tragédia das chuvas de fevereiro de 2022, ainda está em processo de inventário. Depois do anúncio da compra 'de extrema necessidade e urgência', segundo o governo na época, o prefeito percebeu o grande elefante branco que levou para dentro da Prefeitura. O imóvel que fica no Centro de Petrópolis, foi comprado por uma pechincha, como afirma Bomtempo em entrevistas, e na época, não pôde ser passado para o "nome da Prefeitura" porque ainda dependia da resolução do espólio do então proprietário. A Procuradoria da Prefeitura recorreu à Justiça, que tentou agilizar a transferência de propriedade, mas de acordo com o processo, até hoje não foi concluída. O imóvel está sendo reformado, mas continua no nome de terceiros.

■ **ABRIGÃO** - As informações constam no processo administrativo de compra do imóvel, que foi fornecida cópia ao Correio da Manhã por meio de solicitação via Lei de Acesso à Informação. Nele, a última movimentação foi em maio do ano passado, com o pedido feito pelo juiz titular da 4ª Vara Cível de Petrópolis, Jorge Martins, solicitando cópia integral do inventário do prédio. O imóvel tinha a intenção de funcionar como um abrigo temporário para as famílias que ficaram desabrigadas e moravam provisoriamente em escolas municipais.

■ **ESQUENTA PARA ELEIÇÃO** - Aprovada em regime de urgência pela Câmara Municipal de Petrópolis em dezembro, as três secretarias criadas pelo

prefeito Rubens Bomtempo ainda não tiveram nomeações. Se demorar mais para nomear os comissionados pode se transformar em campanha eleitoral antecipada.

■ **CARGOS** - As secretarias de Direitos e Políticas Públicas para as Mulheres; da Pessoa com Deficiência, Mobilidade Reduzida e Doenças Raras; de Economia Solidária, Trabalho, Emprego e Renda acumulam entre si temas sensíveis e caros para a população. As pastas extras representam um gasto de mais de R\$ 4,3 milhões aos cofres públicos em 2024, segundo consta nos projetos enviados pelo prefeito Rubens Bomtempo (PSB) à Casa Legislativa no ano passado.

■ **VIRALIZOU** - Nos grupos de WhatsApp, ligados a jornalismo, viralizou o texto da coluna sobre as restrições que a Liesa/Riotur fizeram este ano no credenciamento da imprensa, enquanto proliferaram, sem limites, as credenciais de pista para VIPs, autoridades e influenciadores digitais. Para um jornalista de cultura e que cobre o carnaval há anos, a pista do sambódromo é o palco do espetáculo: "Imagina se o Rock in Rio emitisse credencial de palco para todos os amigos dos donos do festival?". Para ele é exatamente o que ocorreu na Sapucaí. Confira ao lado o texto na íntegra publicado no último dia 15, na coluna Magnavita.

AS NOTAS MAIS LIDAS DA SEMANA



Fotos CM

Sucessor de Dornelles no comando do Partido Progressistas no RJ, o deputado Dr. Luizinho deu início aos movimentos do PP para as eleições de 2024, na presença do presidente nacional, senador Ciro Nogueira. De um lado, temos a entrada do vereador Hingo Hammes, pré-candidato à prefeitura de Petrópolis pela legenda. Na foto acima, evento no Rio com mais de mil pessoas demonstrou a força do deputado Marcelo Queiroz

O amadorismo da Liesa e Riotur no trato com a imprensa

Por Cláudio Magnavita*

O turismo do Rio jogou no ralo boa parte do potencial promocional do seu carnaval. O maior erro é olhar a festa como atividade fim, e não como atividade meio. Um poderoso instrumento de promoção da cidade como destino turístico é jogado fora por incompetência e gestão no trato com a mídia - e com o setor do turismo.

O que ocorreu no tratamento com a imprensa foi de absoluto amadorismo. Resolveram ceifar credenciais de todos os veículos e negaram para publicações e jornalistas importantes, inclusive da mídia internacional.

Na mesma cidade, o Rock in Rio é um exemplo impecável de respeito e trato com a imprensa. Os jornalistas são credenciados mediante análise de cobertura, inclusive das anteriores, ganham uma super sala de imprensa e são tratados com absoluta fidalguia. A própria gestão anterior de Eduardo Paes montou um centro de mídia paralelo durante a Olimpíada de 2016, que serviu de referência internacional.

Por que no carnaval isso não funciona? Primeiro, pelo amadorismo que a própria Riotur conduz a relação com a mídia, sendo incapaz de se impor perante à Liga das Escolas de Samba. A comunicação social é dirigida pela jornalista Cláudia Silva, que já esteve na Riotur em gestões passadas, e, na última, editava o guia mensal de programação da cidade, que hoje não existe mais - e faz falta.

Enquanto o Rock in Rio contrata a Approach e adota critérios técnicos para a concessão de credenciais, a Liesa tem um comitê que aprova e desaprova ao sabor do humor dos seus participantes.

A Associação Brasileira de Agentes de Viagens (Abav), seção Rio de Janeiro, responsável pelos turistas internacionais no Sambódromo, com um setor só para eles, se viu impotente ao descobrir que o veículo

líder do turismo, com sede em São Paulo, teve a credencial do editor e da fotógrafa negada. Fizeram apelo e nada. Recorreram até ao prefeito Eduardo Paes e, mesmo assim, conseguiram só a do editor. Há anos a revista e o site fazem uma cobertura espetacular do carnaval do Rio. Quanto vale isso em mídia? Desta vez, o comitê e a Riotur bateram com a porta na cara deles.

O carnaval depende de verbas públicas, tanto da Prefeitura quanto do Estado. Entre as contrapartidas, deveriam ter como reciprocidade a cogestão da participação da mídia no carnaval. Já que existe uma miopia da Liesa sobre a importância da cobertura jornalística além da Globo, emissora oficial, teríamos uma profissionalização deste relacionamento. Jornalistas do Nordeste foram rechaçados, da mesma forma os do interior. Um importante jornalista baiano, que há anos cobre o carnaval e produz grande quantidade de notícias, teve negada a sua credencial neste ano. Dois amigos deputados da Bahia interferiram com Eduardo Paes pelo rapaz, sem êxito.

Enquanto a Liesa trata a imprensa de forma amadora, pipocaram, como nunca, a concessão de credenciais de pista para artistas, influenciadores digitais e convidados VIPs de camarotes. Todos com a "rosinha" no peito. Privilégio negado à imprensa. Fora a cessão de coletes, a conta gota. Foram emitidas, neste ano, mais credenciais de pista do que toda em toda a gestão de Jorge Castanheira como presidente da Liesa.

As rádios, inclusive as que fazem transmissão ao vivo, foram reduzidas a micro espaços, sem ar-condicionado, e que mal cabiam os equipamentos. A rádio Itatiaia de Minas, por exemplo, estava em um local coletivo.

Vale destacar que no Governo Crivella a comunicação da Riotur, sob coordenação de Rodrigo Paiva, hoje na CBF, estabeleceu uma relação respeitosa com a mídia, e o presidente Marcelo Alves abraçou o trade tu-

rístico de forma exemplar. Amplificou um trabalho do seu antecessor, Antônio Pedro Figueira de Mello.

O carnaval é muito mais do que a tela da Globo. A Riotur anda às turras com a Liesa e deve também ganhar um novo presidente. O atual, Ronnie Aguiar, deve retornar para Portugal, onde está sua família. Nem apartamento mais no Rio possui. Mora em hotel. Já a Liesa se prepara para uma eleição e deve enfrentar uma disputa. Nesta quarta, 14, a jornalista Vera Araújo, em O Globo, deu os bastidores da queda de braço entre os dirigentes da Liga.

No governo Dilma, a Embratur e Apex tiveram juntas um espaço para convidados do exterior. Traziam empresários interessados em investir e comprar produtos brasileiros e os maiores operadores internacionais. Só vivenciando o carnaval para mostrar a força e a criatividade do povo brasileiro. Funcionou por dois anos. Nunca mais este programa de incentivo foi realizado. Todos querem ganhar no carnaval e não com o carnaval. Lamentável.

Esperamos que o próximo presidente da Riotur e o novo presidente da Liesa compreendam que o carnaval é um poderoso instrumento de mídia para promoção do Rio. Qualquer dúvida, é só copiar o modelo do Rock in Rio.

Jogar no ralo uma mídia espontânea de um evento que vive de verba pública é um crime contra a promoção do Rio, além de atrair uma enorme antipatia para o destino, pela forma que tratam os jornalistas. Parte destas denúncias estão nos grupos dos Conselhos de Turismo. Cabe ao prefeito Eduardo Paes e ao governador Cláudio Castro colocarem ordem na casa e exigirem uma nova postura. Já que o evento recebe verbas públicas, cabe também ao Ministério Público apurar os exageros na concessão das credenciais de pista e a restrição ao trabalho da mídia.

*Diretor de Redação do
Correio da Manhã